

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico*. São Paulo: Cortez, 2011.

Avaliação operacional e constituição do sujeito-cidadão conectado com o Sagrado

Deise Nanci de Castro Mesquita*

Há quem leve a vida inteira a ler sem nunca ter conseguido ir mais além da leitura, ficam pegados à página, não percebem que as palavras são apenas pedras postas a atravessar a corrente do rio, se estão ali é para que possam chegar à outra margem, a outra margem é que importa. (José Saramago)

Que pedras foram postas por Luckesi em *Avaliação da Aprendizagem: componente do ato pedagógico*, que o levaram à conquista do segundo lugar na categoria “Melhor Livro de Educação”, no 54º Prêmio Jabuti, em 2012? Indubitavelmente, constituídas de um mineral rico, duro e sólido, de tamanho, forma e cor muito distintos! Para onde podem rolar? Certamente, para as mais variadas margens, posto que tais fragmentos preciosos foram arrancados de rochas sedimentadas em campos muito diversificados e férteis! Só mesmo assim se poderia conceber a eleição de uma obra (entre tantas!) que trate de um tema já tão estudado e debatido, como é o caso da avaliação escolar. Talvez as explicitações que se seguem possam justificar essa escolha e, assim, convencer o leitor a acompanhar a travessia dessas pedras pela correnteza de um rio que se estende por quatrocentos e quarenta e oito páginas divididas em três partes contendo, respectivamente, dois, seis e dois capítulos.

A tese central que delinea todas as discussões e reflexões suscitadas por Luckesi (2011) nessa obra é que “sem ações pedagógicas planejadas,

* Professora de Língua Portuguesa do Cepae/UFG, doutora em Letras e Linguística pela UFG, com estágio de pós-doutoramento em Educação pela UnB. E-mail: mesquitadeise@yahoo.com.br

não há avaliação da aprendizagem!”. E fundamenta sua formulação tratando o ato de avaliar sob a ótica operacional, ou seja, como um meio de tornar os atos de ensinar e aprender produtivos e satisfatórios, um recurso subsidiário para a obtenção de resultados positivos em ações pedagógicas planejadas no âmbito escolar. Por isso, adverte:

Isso nos leva a informar ao leitor que não desejamos fazer um livro sobre *medidas educacionais*, o que implicaria tratar o ato de avaliar a aprendizagem como se fosse separado do ato pedagógico. Tratar a avaliação como um ato isolado, separado do pedagógico, tem sido a tradição tanto na vida escolar como nas representações da sociedade. Desejamos, nesta obra, romper com esse padrão. O ato de avaliar a aprendizagem é muito mais do que o ato técnico isolado de investigar a qualidade dos resultados da aprendizagem. (p. 14-15)

Assim, o autor explica que embora historicamente os exames escolares tenham sempre ocorrido em separado da ação de ensinar e aprender, a avaliação não pode se dar dessa forma, sob pena de não se constituir como o terceiro componente do ato pedagógico. Para tanto, faz uma distinção entre duas condutas, *esperar* e *construir*, definindo a primeira como meramente a postura de aguardar que os resultados se deem em decorrência de uma prática sem acompanhamento e sem consequente intervenção, ainda que necessários; e a segunda como um investimento em busca de soluções para os impasses que surgem durante um projeto que tem como objetivo o autodesenvolvimento do educando.

De acordo com essa compreensão, para se produzir o resultado desejado (isto é, a aprendizagem), o ato pedagógico deve ser dialeticamente composto de um algoritmo de três elementos: estabelecimento de metas (ou planejamento), seguido de execução e somado à avaliação operacional:

Para que a avaliação seja possível e faça sentido, o primeiro passo é estabelecer e ter uma ação claramente planejada e em execução, sem o que a avaliação não tem como dimensionar-se e ser praticada, pois que o seu mais profundo significado, a serviço da ação, é oferecer-lhe suporte, com o objetivo de efetivamente chegar aos resultados desejados. Do exposto, segue-se que a avaliação caminha *pari passu* com um projeto de ação e a ele se submete. Mais que isso: a existência da avaliação de acompanhamento depende da existência de um projeto em execução. O planejamento define aonde se deseja chegar com a ação, assim como os meios para chegar aos resultados desejados. (p. 20)

Para explicitar sua formulação, no Capítulo I “Projeto Político-Pedagógico da escola e seus parâmetros para a avaliação da atividade docente e discente”, Luckesi dá tratamento à filosofia que deve orientar de modo consciente a ação pedagógica em sala de aula: reconhecer o fato de que o ser humano está no centro de atenção da prática educativa e que, por meio dela, deverá ser ajudado a constituir-se como sujeito e como cidadão, em conexão com o sagrado.

A partir daí, inicia o desfile de autores e formulações que lapidam as pedras atiradas na correnteza de suas problematizações sobre a avaliação operacional. Primeiramente, recorre a Freud e sua linguagem psicanalítica para tratar sobre “a formação do eu saudável”, aquele que se torna sujeito, ou seja, que toma posse de si mesmo e é capaz de confrontar-se com as facilidades e dificuldades da vida e do mundo, administrando-as para o seu bem-estar, do outro e do meio ambiente. Em seguida, retoma as formulações de Jung sobre as necessidades espirituais do ser humano que se referem a vivências e aprendizagens sutis, as quais podem dar-se por meio da poesia, da literatura, do silêncio, da respiração, dos rituais e outras, adquiridas por intermédio dos cinco sentidos ou da mente discursiva:

Todos nós – filósofos, poetas, cientistas, literatos, místicos, práticos, construtores dos mais variados bens e recursos – vivenciamos experiências que vão além da cotidianidade; são experiências inefáveis que temos diante das mais variadas situações, tais como uma criança que se expressa, um pôr do sol nostálgico, o alvorecer de um novo dia, um ato de amizade, o compartilhamento de um ritual [...]. (p. 31)

Ele encerra o capítulo reiterando sua compreensão de que a avaliação operacional é um recurso subsidiário dessa ação pedagógica de formar o educando como sujeito-cidadão ciente de si, do outro, do meio ambiente e do sagrado, na medida em que consiste em um modo de investigar para intervir. Assim, a avaliação retrata a qualidade dos resultados que estão sendo obtidos, cabendo ao professor, com base nessa constatação, decidir e investir na obtenção do que foi planejado.

Para discutir como esse processo pode se efetivar, no Capítulo II, toma as palavras de Max quando diz que “nenhuma teoria vai à prática sem, antes, passar por múltiplas mediações”, e elenca os quatro “recursos mediadores” que levam a essa ação pedagógica: 1) uma teoria pedagógica compatível com a prática da avaliação da aprendizagem; 2) os conteúdos escolares; 3) a didática; e 4) o educador.

Sobre o primeiro, adverte que, em geral, as teorias que norteiam as práticas avaliativas são mais medievais que contemporâneas, pois concebem o ser humano como “dado pronto”, e não como um ser em processo de construção, voltado para o crescimento, para as múltiplas e novas possibilidades de expressão; e que, dessa forma, assentada em uma visão estática, a avaliação não pode ser trabalhada na perspectiva operacional, pois a cosmovisão que a sustenta é a mesma formulada por Hegel sobre o ser humano: dinâmica, e segundo a qual melhores resultados são obtidos quando há propósito e investimento para isso. Portanto, para que traduza esse ideário filosófico e político, a teoria pedagógica a ser adotada deve ser construtiva:

Vale lembrar que dizemos pedagogia “construtiva”, e não “construtivista”. O termo “construtivista” está vinculado à pedagogia decorrente dos estudos e pesquisas do professor Jean Piaget, enquanto o termo “construtiva” está livre de uma conotação teórica deste ou daquele autor, o que nos permite produzir novas sínteses, incorporando, integralmente, contribuições de diversos pesquisadores que abordem o ser humano como um “ser a caminho”, um ser “em travessia”, como nos diria Guimarães Rosa. (p. 72)

Quanto aos conteúdos, Luckesi explica que se constituem de elementos do senso comum, das ciências, dos valores estéticos, éticos e religiosos, herdados de culturas que nos antecederam, por meio de mecanismos como a convivência, o ensino familiar e o escolar etc. O currículo é, pois, a expressão da ciência do presente traduzida para as possibilidades de assimilação e, por isso, seus conteúdos devem articular o educando em processo de formação com a cultura geral da sociedade, viabilizar a integração das novas gerações na cultura familiar, grupal, comunitária e social:

Assim sendo, faz sentido que a escola seja um lugar especial por onde a cultura elaborada é, por um lado, assimilada pelos educandos que dela participam. O senso comum não necessita da instituição escolar para ser transmitido e assimilado. Isso se dá no dia a dia das pessoas. Então, a escola tem por obrigação – para isso foi instituída socialmente – de oferecer aos educandos o melhor conhecimento passível de assimilação, a depender de sua idade e de seu nível de desenvolvimento. É nesse sentido que os conteúdos curriculares fazem a mediação entre o educando e a cultura que o cerca, especialmente a cultura elaborada. (p. 93)

E, para que a transmissão e a assimilação desses conhecimentos aconteçam em sintonia com a proposta avaliativa operacional, Luckesi apresenta

um conceito de metodologia que vai para além das meras técnicas de ensinar e aprender. Trata-se de uma didática considerada como a forma de facilitar esse processo, que expressa a ideia de mediadora fundamental e efetiva para a sua realização, que sinaliza os recursos práticos básicos para que os desejos embutidos nos atos de ensinar e aprender sejam realizados:

Esta é a ordem lógica dos passos do ensinar e do aprender: *exposição – assimilação – exercitação – aplicação – recriação – criação* –, na qual o educador segue a direção da maior para a menor atividade e o educando, da menor para a maior atividade, da dependência para a autonomia, como vimos sinalizando. No primeiro passo, o educador ocupa o lugar de ator principal; no último passo, o lugar de ator secundário. Já com o educando, dá-se o inverso. No primeiro passo, é dependente da informação que vem por meio do educador; no último, é autônomo e pede auxílio se necessitar. (p. 111)

Nesses passos, cabe ao educador acolher, receber o educando; nutri-lo, oferecer-lhe o melhor em relação à informação, ao procedimento, ao valor, à afetividade; sustentar, garantir as condições psicológicas, de tempo e de atendimento para que ele aprenda; e confrontar, mostrar que nem tudo está adequado e que há outras possibilidades. É dizer, pois, que embora o educador e o educando sejam os sujeitos dessa relação pedagógica, cada um tem um papel específico e com um grau de maturidade diferenciado:

Do ponto de vista humano, como cidadãos, ambos são sujeitos de iguais direitos e deveres; contudo, do ponto de vista pedagógico, no contexto da prática educativa escolar, ambos têm papéis diferenciados. O educador é o líder e, como tal, constitui o “adulto da relação pedagógica”; o educando é o liderado e, como tal, constitui o que recebe o suporte do primeiro. Este tem a autoridade própria de sua condição, o que não quer dizer autoritarismo; trata-se da autoridade de alguém que já fez um caminho de amadurecimento e, agora, se encontra no papel de líder de um processo. Para ser o líder, que faz a mediação do processo de ensinar e aprender, e fazer jus a esse lugar, o educador precisa possuir as condições de maturidade psicológica, científica e cultural. (p. 134-135)

Aqui, Luckesi conclui a primeira parte do livro e introduz os pontos que serão discutidos em detalhes na segunda parte: A avaliação da aprendizagem como componente pedagógico. Os seis capítulos seguintes tratam de temas que aprofundam a discussão sobre como fazer para que a educação possa transitar da prática dos exames escolares para a avaliação da aprendizagem

na escola. Em geral, trazem reflexões sobre como é imprescindível a adoção de uma pedagogia construtiva, que não “espera” que o educando tenha aprendido alguma coisa, mas que “investe” na construção dos resultados definidos e desejados. São eles: I) Avaliação da Aprendizagem na Escola: investigação e intervenção; II) Primeira Constatação: a escola pratica mais exames que avaliação; III) Segunda Constatação: razões da resistência a transitar do ato de examinar para o de avaliar; IV) O Ato de Avaliar: a aprendizagem na escola; V) Instrumentos de Coleta de Dados para a Avaliação da Aprendizagem na escola: um olhar crítico; e VI) Instrumentos de Coleta de Dados para a Avaliação da Aprendizagem na Escola: um olhar construtivo.

No Capítulo I, Luckesi apresenta a investigação como um conjunto de procedimentos que subsidiam a avaliação de produto e a avaliação de acompanhamento, distinguindo-as por seus objetivos: descrição e qualificação da realidade; e descrição, qualificação e intervenção na realidade, se necessário.

No segundo capítulo, como uma das razões que podem explicar o porquê de haver mais *exames* do que *avaliações* no ambiente escolar, Luckesi discute a racionalidade brasileira traduzida na sua própria legislação, que passa a utilizar o termo “avaliação” apenas no ano de 1996, com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação. A de 1972 menciona “aferição do aproveitamento escolar”, a de 1961 trabalhava com o conceito de “sistema de exames” e as anteriores delimitavam “as modalidades e as práticas dos exames”.

No capítulo seguinte, que trata da segunda constatação sobre as razões da resistência em se adotar a avaliação operacional, Luckesi responde a indagações como: o que dificulta a assunção de uma verdadeira prática de avaliação da aprendizagem em nossas escolas?; que fatores atuam para que o trânsito do ato de examinar para o ato de avaliar na escola se faça tão lentamente? Para tanto, apresenta um conjunto de autores nacionais e estrangeiros, explicitando assim que o problema não reside apenas no Brasil, e que é fruto de ações fundamentadas, inclusive, na publicação da *Ratio studiorum*, em 1548, pelos jesuítas, que estiveram atentos à criação de normas que garantissem uma administração comum e uniforme em todos os seus colégios.

No Capítulo IV, Luckesi dá mais um passo em seu estudo, definindo o conceito e os procedimentos relacionados ao ato de avaliar a aprendizagem

na escola. Entendida como acompanhamento da ação pedagógica, a avaliação operacional recebe diferentes denominações, tais como “diagnóstica”, pelo próprio autor, “mediadora”, por Jussara Hoffmann, “dialética”, por Celso Vasconcellos, “dialógica”, por José Eustáquio Romão e “formativa”, por Benjamin Bloom. No entanto, ainda que tenham nuances sutis, todas implicam dois processos articulados e indissociáveis: diagnosticar – acompanhando, monitorando a construção do resultado almejado; e intervir – testemunhando a qualidade final do que foi produzido, tendo em vista a melhoria dos resultados.

Nos dois últimos capítulos, a ênfase recai sobre a questão dos instrumentos de coleta de dados do desempenho do educando, sob o olhar crítico e construtivo de Luckesi. Segundo afirma, para que a coleta no universo educacional esteja em conformidade com as exigências do objeto investigado e com a forma pela qual o objeto de pesquisa é abordado, é preciso ter-se em conta as configurações do projeto da escola, dos planos de ensino e das aulas:

O que importa avaliar é o resultado da ação, e esta deve estar definida nessas instâncias. Nesse contexto, os instrumentos necessitam ser elaborados, aplicados e corrigidos segundo especificações decorrentes dessas decisões prévias à ação. Elas definem os resultados almejados, e, então, a avaliação existe para informar se eles foram atingidos ou não e, com que qualidade. Se nossos instrumentos de coleta de dados não nos proporcionam isso, são insatisfatórios. (p. 295-296)

Como síntese das considerações feitas nesses capítulos sobre a elaboração de instrumentos de pesquisa que investigam a avaliação escolar, Luckesi formaliza um conjunto de regras gerais que podem ajudar o pesquisador a observar os cuidados necessários no processo de elaboração de suas questões, por acreditar que um instrumento bem elaborado é o recurso que amplia a capacidade de observação, que faz jus à realidade do que se deseja investigar.

Finalmente, na terceira e última parte da obra, Luckesi aborda temas correlatos à avaliação da aprendizagem, retomando conceitos e processos tratados ao longo de todo o livro, desta vez também sob a ótica da ética entendida como um modo de agir do ser humano, na sua relação com tudo que o cerca, compreendido filosoficamente:

Ela manifesta um saber vivido e vivente que rege as relações das pessoas com tudo o que as cerca: as outras pessoas, os outros seres vivos, o meio ambiente, o sagrado. Ela expressa uma convicção interna de cada ser

humano sobre o modo de relacionar-se com tudo com base em valores, fator que exige tomada de posição de acordo com sua positividade ou negatividade. Que valor orienta e/ou sustenta agir desta ou daquela forma? (p. 384-385)

O próprio Luckesi trata de responder à pergunta, afirmando que, aliado ao pacto profissional e curricular, o ético com a verdade constitui o farol que deve estar sempre indicando a conduta do educador em todos os seus atos e rituais na prática da avaliação escolar. Afinal, são imbricados e traduzem-se em um só, que significa a busca do sucesso, o comprometimento com o projeto pedagógico, por meio do constante investimento em soluções para os impasses emergentes. Por isso, avisa que “lamentar resultados negativos não traz nenhuma solução; o sucesso depende do investimento adulto na busca dos resultados positivos” (p. 395).

De fato, investir em vez de lamentar é bem mais substancial em qualquer situação da vida. E, especificamente no caso da avaliação dessa obra, parece mais conveniente que o leitor invista em sua leitura e não confie tanto na descrição limitada desta resenha, sob o risco de lamentar depois o que José Saramago já há muito, e com requintada sutileza, nos deixou como advertência em sua *A caverna*:

A não ser, A não ser, quê, A não ser que esses tais rios não tenham duas margens, mas muitas, que cada pessoa que lê seja, ela, a sua própria margem, e que seja sua, a margem a que terá de chegar.